

A EXPECTATIVA DA SEGUNDA VINDA DE JESUS NA IGREJA APOSTÓLICA

Luiz Nunes

Doutorando em Teologia Pastoral,
SALT-IAE, ct., Eng. Coelho, SP.
Professor do SALT-IAENE.

As profecias messiânicas do Antigo Testamento alcançam seu cumprimento no Novo Testamento. A volta do Messias consoma a obra da redenção operada por Ele em Seu primeiro advento e faculta ao pecador a posse definitiva e final das promessas escatológicas de salvação provida por Seu sacrifício (Hb 9:28).¹ Este fato está implícito nos três termos empregados para identificar os dois adventos: *parousia*, significando vinda, chegada e presença (2Pe 1:16; 1Ts 3:13); *apokalypsis*, revelação (Ap 1:1; 2Ts 2:8).²

Devido à tensão existente entre a expectativa urgente e a demora do Segundo Advento, o Novo Testamento retrata uma incipiente crise comum aos cristãos do primeiro século.

A escatologia vetero-testamentária aponta para um mundo perfeito que emergirá conforme a vontade de Deus no fim dos dias (Is 65:17-25), no Dia do Senhor. Quando a época escatológica chegar haverá paz (Is 57:19), perpétua alegria e justiça em todo o universo (Is 62:7-11). Este dia será o Dia do Julgamento, quando o Senhor exercerá Sua ira contra os que o rejeitaram, e vindicará os justos (Is 65:1-16). O Dia do Senhor é retratado em Ezequiel como o dia da queda de Gogue (Ez 39:1-29), sob a imagem da ceia das aves de rapina. Já Amós e Sofonias definem esta época como um tempo de destruição de todos os incrédulos, inclusive dentre o professo povo de Deus (Am 5:18-20; Sf 3:8). Esses quadros enaltecem a idéia de que o Messias reinaria com justiça em toda a Terra (Is 32).

Nesse tempo Deus promete a restauração do remanescente de Israel (Is 12:1-6). A promessa se centraliza na vinda do Messias, o Renovo do trono de Jessé que libertará e recolherá o restante do seu povo (Is 11:1-16). Nas palavras de Jeremias, esse Renovo justo, descendente de Davi, será um rei (Jr 23:5)³ que, conforme a teologia judaica, reinará dentro de um território específico, em cumprimento à promessa feita a Abraão: “à tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande Eufrates” (Gn 15:18).

Essa figura do Messias-Rei dominando sobre um território específico

¹ Samuelle Bacchiochi, *The Advent Hope for Human Hopelessness* (Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1994), 51.

² *Ibid.*; Hubert LePagneur, *Esperança e Escatologia* (São Paulo: Paulinas, 1974), 127-128.

³ Niels-Erik Andreassen, “The Advent Hope in the Old Testament”, em: V. Norkov Olsen, ed., *The Advent Hope in Scripture and History* (Washington, DC: Review and Herald, 1987), 21-25.

influenciaria predominantemente toda a escatologia judaica a partir do exílio babilônico. No período intertestamental, que serviu de ponte de ligação entre o Antigo e o Novo Testamento, surgiu uma variada literatura religiosa.⁴ O aspecto apocalíptico dessa literatura, nos seus três modelos de restauração na era vindoura,⁵ apresenta sempre a figura de um libertador, cuja imagem fixada pela escatologia judaica foi a de um rei da dinastia davídica, cuja chegada é vista como urgente.

A espera de sua vinda foi marcada por uma expectativa temporal, caracterizada pela marcação de datas.⁶ A crença popular era de que, depois de 4291 anos a partir da criação, o Messias viria para a nação israelita. Por outro lado, acreditava-se que o mundo duraria apenas 85 jubileus (4250 anos) e que, no último, Ele viria. Cria-se ainda que ao se completarem 4231 anos, a começar da criação, nenhuma terra deveria ser comprada, pois perderia o valor com a chegada do Messias.⁷

Essas profecias de tempo influenciaram a mentalidade judaica nos dias da dominação romana e foram introduzidas no cristianismo como uma inestimável herança.⁸ A idéia de que a profecia das 70 semanas de Daniel 9 estaria se cumprindo naqueles dias, fortaleceria a expectativa de que o Messias em breve viria à Palestina para salvar Israel. Essa expectativa era comum nos dias de Jesus.⁹ Como a Vinda do Messias-Rei envolvia um domínio territorial, entendia-se que Ele viria para iniciar a nova era, quando Jeová reinaria eternamente com justiça sobre Israel e sobre o mundo (Is 65-66). Ou seja, o conceito da presença do Messias pressupunha o estabelecimento do reino messiânico.

A história da Igreja Cristã durante o primeiro século foi marcada pelo senso da brevidade da *parousia*.¹⁰ O Novo Testamento declara diversas vezes que o mundo vivia nos eventos finais da história da salvação (Lc 18:7-8; Hb 1:1-5;

⁴ Para informação sobre a literatura judaica intertestamental ver : Leonard Rost, *Introdução aos livros apócrifos do Antigo Testamento e os manuscritos de Qumram* (São Paulo: Paulinas, 1980); Russel N. Champlin, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* (São Paulo, SP: Editora e Distribuidora Candeia, 1991) 1:227-231; Niels-Erik Andreasen, "The Advent Hope in the Old Testament", em: V. Norkosv Olsen, ed., *The Advent Hope in Scripture and History* (Washington, DC: Review and Herald, 1987), 31-45.

⁵ Os três modelos são: restauração terrestre, restauração cósmica e reino messiânico, Andreasen, 34.

⁶ Para melhor compreensão das profecias de tempo no período intertestamental e no primeiro século do cristianismo ver: LeRoy E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers* (Washington, DC: Review and Herald, 1954) 1:181-204.

⁷ Abraham Cohen, *Everyman's Talmud* (New York: Schocken Books, 1975), 350-351.

⁸ Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, 1:889.

⁹ "Era bem conhecido que as setenta semanas da profecia de Daniel, abrangendo a vinda do Messias, se achavam quase no fim; e todos estavam ansiosos por partilhar daquela era de glória nacional, então esperada," Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, 117 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira). Para declarações semelhantes, ver: *Ibid.*, 28,31,84.

¹⁰ J. Dwight Pentecost, *Things to Come, A Study in Biblical Eschatology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1964), 370-394.

9:26; 10:37; Tg 5:8,9; 1Jo 2:18; Ap 2:16; 3:11; 12,20). Os cristãos, portanto, tinham, no primeiro século, a convicção de que a última hora havia chegado.¹¹

A perspectiva de tempo em relação ao Segundo Advento, estranha à teologia do Novo Testamento, é perceptível algumas vezes na vida da Igreja Apostólica.¹² Ainda podem ser acrescentadas, como parte desse ambiente de iminência, as palavras de Jesus em três ocasiões diferentes. Essas declarações são interpretadas pela crítica liberal como sugerindo o cumprimento do *escathon* dentro da primeira geração de cristãos. No envio dos doze Ele disse: “não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem” (Mt 10:23). Ao dar instrução sobre a negação própria e Sua vinda gloriosa, declarou: “dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus” (Mc 9:1). Por último ao exortar os apóstolos com a parábola da figueira no contexto de seu retorno, Ele advertiu “não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (Mc 13:30).

Apesar de toda discussão em torno desses textos¹³ não há nenhuma referência bíblica de que eles tenham tido alguma relação direta com a crise escatológica que ameaçava vir sobre a Igreja Apostólica. Seria natural, entretanto, inferir que essas passagens poderiam ter uma provável influência em tal contexto já que os sinais de uma grave crise ameaçavam lançar a igreja em mais uma grande decepção. Prova disso é que, no início do sermão profético de Mateus 24, os apóstolos deixaram transparecer seu interesse no assunto, indagando: “Dize-nos quando sucederão estas cousas e que sinais haverá da tua vinda e da consumação do século” (Mt 24:3; Mc 13:3). A outra ocasião em que as atenções da comunidade cristã se voltaram para o aspecto cronológico foi no dia da ascensão, quando disseram: “Senhor, será este o tempo em que restaures o

¹¹ Anthony A. Hoekema, *A Bíblia e o Futuro* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989), 26-28; Brian Hebblethwaite, *The Christian Hope* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984), 27-36; George Eldon Ladd, *The Blessed Hope* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970), 19-20; G.C. Berkouwer, *The Return of Christ* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1963), 86.

¹² Froom, 2:99-100.

¹³ Para examinar a discussão teológica sobre esses textos, ver: Werner Georg Kummel, *Promise and Fulfillment* (Naperville, IL: Alec R. Allenson, 1957); George E. Ladd, *Crucial Questions About the Kingdom of God* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1961), 22-39; *ibid.*, *The Presence of the Future* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964), 3-42; Herman Ridderbos, *The Coming of the Kingdom* (St. Catharines, ON: Paideia Press, 1978), 444-456; Comissão Revisora do Santuário, “Perguntas e respostas sobre questões doutrinárias”, *O Ministério Adventista*, março/junho de 1981, 23-26; José Carlos Ramos, “An Exegetical Study on Matthew 24:34” (monografia para a classe Gospel of Matthew, Andrews University, 1982), 131-135; Alberto Ronald Timm, “A volta de Cristo - essa bendita esperança.” *Revista Adventista*, janeiro de 1984, 3-4; Luiz Nunes, “O reino de Deus: uma abordagem bíblica em São Mateus 1 a 7” (monografia de Mestrado em Teologia, Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, janeiro de 1984), 74-75; Ralph E. Neall, *How Long, O Lord?* (Washington, DC: Review and Herald, 1988; Berkouwer, 65-95; Hoekema, 151-165; Bacchiocchi, 78-79.

reino a Israel?" (At 1:6).

Uma preocupação cronológica bem mais específica ocorreu no diálogo de Cristo com Pedro após a ressurreição, quando o apóstolo pergunta sobre o destino de João. A resposta de Cristo foi "se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?" (Jo 21:22). Esta declaração levou os ouvintes a entenderem que o apóstolo não morreria, ou seja, que Jesus voltaria antes da morte de João (Jo 21:23). Isto leva a admitir que havia, portanto, uma curta estimativa de tempo para a Parousia entre os cristãos no final do primeiro século.

A situação mais comprometedora, entretanto, ocorreu entre os membros da igreja de Tessalônica, após a rápida evangelização feita por Paulo e seus companheiros naquela cidade. Os recém convertidos membros dessa comunidade acreditavam que a segunda vinda de Jesus seria um acontecimento para os seus dias, e que as bênçãos advindas disso seriam só para os vivos. Assim, cada cristão que morria trazia-lhes um profundo desgosto.¹⁴ Dessa situação, comunicada a Paulo em Corinto por Timóteo, surgiu a primeira Epístola aos Tessalonicenses.

A explicação de Paulo sobre o destino dos vivos e dos mortos na Segunda Vinda faz uso do pronome pessoal da primeira pessoa do plural. Razão por que o apóstolo foi mal entendido por estar se incluindo entre os vivos e, portanto, para ele, a parousia dar-se-ia antes da sua morte (1Ts 4:16-17). Alguns tiveram um comportamento desordenado, resolvendo não mais trabalhar, vivendo da caridade da igreja (2Ts 3:6-12).¹⁵ Para esclarecer o assunto Paulo escreveu a segunda carta àquela comunidade.

A esses testemunhos podem ser acrescidas as declarações dos pais apostólicos, ainda dentro do I século A.D., como encontradas nas epístolas de Clemente, Inácio e Barnabé. Eles também acreditaram na iminência do segundo advento.¹⁶ Essa foi uma herança que permeou o pensamento dos cristãos no primeiro século, e que afetou a noção de iminência da Segunda Vinda. A tendência de se estabelecer uma perspectiva de tempo encontra-se inclusive entre os pais apostólicos ainda no limiar do segundo século e mesmo em outros cristãos dessa época fora das páginas do Novo Testamento.¹⁷ A morte de Nero, a

¹⁴ Champlin, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, 5:205; Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965), 258; I. Howard Marshall, *Atos. Introdução e Comentário*. Série Cultura Bíblica (São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982), 5:150.

¹⁵ White, *Atos dos Apóstolos*, 265-265.

¹⁶ *The First Epistle of Clement to the Corinthians*, cap.23, em: Allan Mensies, ed., *The Anti-Nicene Fathers* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1965), 1:236; *The Epistle of Ignatius to the Ephesians*, cap. 11, *ibid.*, 1:54; *The Epistle of Ignatius to Polycarp*, cap. 3, *ibid.*, 1:94; *The Epistle of Barnabas*, cap. 21, *ibid.*, 149; From. *The Prophetic Faith of Our Fathers* (Washington, DC: Review and Herald, 1950), 1:208-209.

¹⁷ Ladd, *The Blessed Hope*, 19-22.

destruição de Jerusalém e outros acontecimentos foram encarados como sinais do segundo advento. Como Jesus não voltava, os mais cuidadosos tentaram estabelecer datas mais distantes para a Parousia. A epístola de Barnabé apontava a volta de Jesus para mil anos mais tarde.¹⁸ Tal sucessão de acontecimentos fortalecia o conceito de brevidade com uma visão de tempo marcado, que traria sem dúvida mais uma séria crise sobre a Igreja Apostólica.

Em seu discurso profético Cristo deixou bem clara Sua posição sobre o aspecto cronológico, quando disse: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mt 23:36). Essa declaração deveria ser a primeira de várias tentativas de se estabelecer uma data para a Parousia.

A resposta de Cristo à pergunta dos apóstolos sobre o tempo foi de molde a evitar o sofrimento que os apóstolos teriam se soubessem da longa espera que teriam pela frente, sobrepondo intencionalmente as profecias da Segunda Vinda àquelas que apontavam para a destruição de Jerusalém.¹⁹ Concomitantemente, Cristo precisava manter a perspectiva de brevidade e afastar a apressada perspectiva temporal. Isso foi o que fez ao falar sobre os sinais que antecederiam a Parousia.²⁰ Advertiu sobre os perigos do senso de tardança nas cinco parábolas do discurso profético (Mc 13:34-37; Mt 24:43-25:30), enquanto enfatizava a necessidade de vigilância e oração.²¹

Parece que os ensinamentos de Cristo sobre a escatologia e as declarações de outros livros do Novo Testamento evitaram o desenvolvimento da crise escatológica que colocaria, por certo, em perigo a confiabilidade das promessas de Deus, a ética cristã e o exercício da missão.

João, por sua vez, tendo esse paradigma teológico em sua mente refutou a possibilidade da volta do Messias em seus dias quando disse que “Jesus não dissera que tal discípulo não morreria”(Jo 21:23).²² As palavras de Jesus não visavam estabelecer um tempo para o *eschaton*, mas antes deixar claro que o final destino do apóstolo era uma questão da soberania de Deus. O assunto, portanto, estava fora da alçada de Pedro.²³

A errônea visão dos tessalonicenses concernente à urgente proximidade da

¹⁸ *The Epistle of Barnabas*, cap.15, *ibid.*, 283-284; Froom, *The Prophetic Faith of our Fathers*, 1:211; Durant, 7:294; Lepargneur, 20; Hebblethwaite, 29.

¹⁹ White, *O Desejado de Todas as Nações*, 606.

²⁰ Ladd, *The Presence of the Future*, 326-327.

²¹ Ridderbos, 510-523; Berkouwer, 79-95; Hoekema, 158-162; Bacchiocchi, 92-92, 97-98; Leonhard Goppelt, *Teologia do Novo Testamento* (São Leopoldo, RS: Editora Sinodal/Vozes, 1976), 93-95.

²² B.F. Wescott, *The Gospel According to St. John* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978), 305-306.

²³ Mário Veloso, *Comentário do Evangelho de João* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984), 375; F.F. Bruce, *O Evangelho de João. Introdução e Comentário*, Série Cultura Bíblica (São Paulo: Mundo Cristão, 1987), 4:346-349; Raymond E. Brown, “The Gospel according to John XII-XXI”, *The Anchor Bible* (New York: Doubleday, 1970), 29: 1118-1119; Archibald Thomas Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Grand Rapids, MI: Baker House, 1930), 5:322.

Segunda Vinda os estava conduzindo a um estado de agitação e de excitação que os deixava inseguros (2Ts 2:2).²⁴ Essa distorcida hermenêutica e esse estado de espírito os conduziram ao desapontamento e ao escárnio popular, podendo ainda levá-los a pôr em dúvida as verdades da fé cristã.²⁵ Para evitar tais conseqüências o apóstolo submeteu essas crenças ao escrutínio da Palavra, dizendo que o *eschathon* não aconteceria enquanto não viesse a apostasia, o homem da iniquidade (1Ts 2:3-9).²⁶

Os parâmetros hermenêuticos estabelecidos por Cristo quanto à interpretação de seu discurso escatológico, ajudaram os apóstolos Paulo e João a evitar o que seria a repetição de uma crise, pois suas declarações acerca do *eschathon* parecem em muitos sentidos um eco dos ensinamentos de Cristo (Mt 24:5,11; cf. 1Tm 4:1; Mt 24:29; cf. Ap 6:12-13).²⁷ Jesus Cristo apresentou vários sinais que deveriam ocorrer em diversas áreas da atividade humana e da natureza, pois o senso de urgência exagerado seria certamente evitado pela atenção a tais sinais (Mt 24:3-28; Mc 13:3-13; Lc 21:7-19). Esta postura suplantou a crise escatológica, evitando mais um desapontamento para a igreja apostólica.

Tivesse ocorrido um segundo desapontamento além do da cruz, com mais uma expectativa frustrada sem explicação teológica justificável, a própria continuidade do cristianismo estaria em jogo. É evidente que, devido à relação íntima entre a escatologia e a missiologia, a crise colocava em risco permanente a razão de ser da missão. Estava em jogo não só uma perspectiva de temporalidade, mas a confiabilidade nas mais acariciadas promessas de Deus. Isso poderia significar o fim da missão, e sem ela o Cristianismo não teria razão de ser.

O respeito às Palavras de Cristo e à autoritativa palavra profética de Paulo e João (Jo 5:39; 1Ts 2:13; 2Ts 2:15; 3:6) afastou a possibilidade de conflitos internos e externos na igreja apostólica. Como conseqüência, a igreja foi estabelecida na verdade, e a missão teve continuidade. A urgente manifestação de Cristo em glória está intimamente ligada ao senso de missão, como o próprio Jesus estabeleceu em sua ascensão, ao dizer: “e sereis minhas testemunhas”, e os anjos acrescentaram: “Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como vistes subir” (At 1:8-11). A brevidade da parousia, portanto, foi um ensinamento saudável para a vida da igreja apostólica, pois aliou o senso de

²⁴ Para verificar este estado de espírito refletido nas palavras *throos* e *saleuo* ver: Robertson, 4:47.

²⁵ White, *O Grande Conflito*, 456; idem, *Atos dos Apóstolos*, 264-266.

²⁶ Francis D. Nichol, ed. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herad, 1980), 7:269-274; White, *Patriarcas e Profetas*, 735.

²⁷ Bacchicchi, 94; Berkouwer, 67-75. Para uma discussão teológica de 1Tessalonicenses 4:15-17, ver: Marshall, 153-157; Nichol, ed., 7:248-250; Lepargneur, 150-156; Hoekema, 164-167; Bruce, 98-103; Berkouwer, 92-95; Bacchicchi, 85-88.

iminência e de constante vigilância à missão.²⁸ A demora, em nossa perspectiva de tempo, deve ser o motivo para que o repetido conselho quanto a vigiar e orar, no contexto das parábolas do discurso profético, seja seguido. O sentido da verdadeira vigilância, portanto, leva ao genuíno cumprimento da missão.

²⁸ Timm, "A volta de Cristo - essa bendita esperança!" *Revista Adventista*, janeiro de 1984, 9; Berkouwer, 84-85; Bacchiocchi, 98.